

CATHERINE DENEUVE

ROD PARADOT

BENOÎT MAGIMEL

SARA FORESTIER

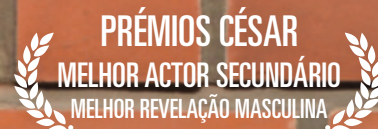


*“De Cabeça Erguida é ao mesmo tempo
um abanão e um arrebatamento.”*

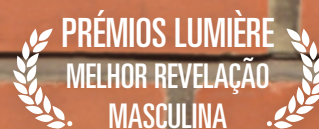
Paris Match



SELECÇÃO OFICIAL
FILME DE ABERTURA
FESTIVAL DE CANNES



PRÉMIOS CÉSAR
MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO
MELHOR REVELAÇÃO MASCULINA



PRÉMIOS LUMIÈRE
MELHOR REVELAÇÃO
MASCULINA

DE CABEÇA 3 ERGUIDA

UM FILME DE EMMANUELLE BERCOT

DOSSIER
DE IMPRENSA

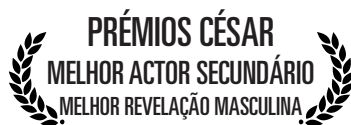
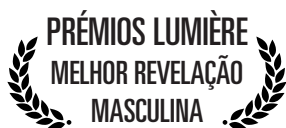
www.leopardofilmes.com

LEOPARDO
FILMES

FRANÇOIS KRAUS E DENIS PINEAU-VALENCIENNE
APRESENTAM



SELECÇÃO OFICIAL
FILME DE ABERTURA
FESTIVAL DE CANNES



CATHERINE
DENEUVE

ROD
PARADOT

BENOÎT
MAGIMEL

SARA
FORESTIER

DE CABEÇA ERGUIDA³

UM FILME DE EMMANUELLE BERCOT

ESTREIA 30 DE JUNHO

DISTRIBUIÇÃO LEOPARDO FILMES



Sinopse

Abandonado pela mãe aos seis anos, Malony começa a cometer pequenos delitos e a ter constantemente problemas com a polícia. Durante a sua adolescência, uma juíza do Tribunal de Menores e um educador tentam ajudá-lo.

Emmanuelle Bercot

Nascida a 6 de Novembro de 1976, Emmanuelle Bercot é uma actriz e realizadora francesa. Em 1997, realiza a curta-metragem *Les Vacances* (1997), vencedora do Prémio do Júri no Festival de Cannes. Em 2001, realiza e protagoniza *Clément*, filme que integrou nesse ano a Selecção Oficial do Festival de Cannes. *Ela Está de Partida*, estreado em Portugal pela Leopardo Filmes, esteve em Competição no Festival de Berlim. O filme, protagonizado por Catherine Deneuve, esteve ainda nomeado aos prémios César, Prémios Lumière e ao Prémio Louis Delluc. Em 2015, apresenta *De Cabeça Erguida* no Festival de Cannes, como Filme de Abertura. No mesmo ano e também em Cannes, vence o Prémio de Interpretação Feminina, pelo filme *Meu Rei*, de Maïwenn.





Entrevista com Emmanuelle Bercot

Após ver o filme, o primeiro pensamento é em relação aos orientadores juvenis e aos juízes que, com o seu trabalho meticuloso, perseverança, paciência e devoção, merecem admiração. É comum hoje em dia chamar a atenção para as falhas das instituições e as falhas e as insuficiências do sistema judicial, mas aqui faz o contrário. Qual a intenção que despoletou o desejo de realizar De Cabeça Erguida – prestar homenagem a esses trabalhadores na sombra?

Sim e...não! Inicialmente, a minha ideia era fazer um filme sobre o sistema de apoio que existe à volta de uma criança, mas quando a ideia surgiu eu sabia pouco sobre esse trabalho. Foram os anos de pesquisa que fiz antes da rodagem que me permitiram perceber o quão empenhados são esses trabalhadores, a sua abnegação, paciência, e capacidade de nunca desistir. Na verdade, o ponto de partida do filme tem origem em circunstâncias muito específicas. Tenho um tio que é orientador juvenil e, quando era criança, visitei-o um verão na Bretanha onde ele estava encarregue de um campo para jovens delinquentes. Um deles era mesmo um criminoso. Sendo uma rapariga proveniente de um contexto totalmente diferente, fiquei fascinada com o comportamento daqueles adolescentes que não tinham a minha sorte, fiquei intrigada com a sua insolência, a rebeldia contra a autoridade e as convenções sociais. Ao mesmo tempo, estava fascinada com o trabalho feito pelo meu tio e pelos outros conselheiros no sentido de levarem aqueles adolescentes ao caminho certo, como dizemos, educá-los, ensiná-los a amarem-se e a amarem os outros, mostrar

respeito pelos outros mas sobretudo respeitarem-se a si próprios. Essa memória manteve-se muito presente na minha mente até à adolescência, quando considerei tornar-me juíza juvenil. O que me terá inspirado a fazer este filme. Quando o François Kraus e o Denis Pineau-Valencienne da Les Films du Kiosque, com quem fiz o telefilme *Mes Chères Etudes* para o Canal +, disse-me no final de 2009 que queriam trabalhar novamente comigo, falei com eles sobre este projecto que tinha em mente há muito tempo, e eles alinharam imediatamente.

O argumento de De Cabeça Erguida começa com a seguinte epígrafe: “Todas as crianças têm direito à educação. Esta deve ser supervisionada pela família, e caso a família falhe, então deve ser a responsabilidade da sociedade intervir.”

Eu li esta frase no livro de um juiz. Ela põe em evidencia tudo o que define este filme. Acho que é brilhante. Parece algo que deveria ser óbvio mas, infelizmente, não tenho a certeza de que isto seja uma evidência para toda a gente. No entanto, a educação é um direito básico. E resume o trabalho que é feito a favor destes jovens. Esta tarefa é essencial, vital. Como é que a sociedade pode ser salva senão através da educação, num sentido mais abrangente do termo? A justiça juvenil baseia-se na ideia de que nada está inteiramente “escrito na pedra” para as crianças e que através da educação e dos programas de apoio, um percurso descendente pode ser parado. Como é que tudo isto pode ser feito

sem desistir – porque os resultados demoram tempo a chegar, se chegam mesmo? É sobre isso que é este filme.

Escolhe seguir um trio – um jovem delinquente, o seu orientador e a sua juíza. A ideia de representar a juíza através de uma mulher veio do desejo de trabalhar novamente com a Catherine Deneuve depois de Ela Está de Partida?

Eu tinha a ideia para este filme antes de *Ela Está de Partida*, mas já tinha a Catherine em mente para interpretar a juíza. Ou... o Gérard Depardieu! Mais ninguém. Era como se eu precisasse de uma figura essencial do cinema para esta personagem. O meu tio tornou-se particularmente próximo de um jovem delinquente com o qual trabalhou durante anos, juntamente com uma juíza juvenil, uma mulher, que estava prestes a reformar-se. Inspirei-me directamente nessa história. O adolescente tornou-se tão próximo do meu tio como da juíza. O meu tio disse-me que um dia disse à juíza, “Para ele, tu és a mãe dele e eu sou o pai”, e ela respondeu “Não, tu és a mãe dele e eu sou o pai.” A partir desse momento, eu decidi que a juíza no meu filme teria que ser uma mulher e que teria que ser a Catherine a interpretar esta personagem. Só depois desta pesquisa inicial é que contactei a Marcia Romano para escrever o argumento com ela.

Porquê ela?

Frequentámos a mesma escola de cinema (La Fémis, em Paris), mas não estávamos no mesmo ano. Nessa altura, eu já tinha reparado no talento dela, e foi com ela que

escrevi a minha primeira curta: *Les Vacances*. Depois disso, perdemos o contacto durante dez anos até que ela me escreveu após ter visto um dos meus telefilmes, a dizer que queria trabalhar novamente comigo. Eu tinha este projecto em mente e pensei que ela seria a pessoa certa. Ela é uma pessoa com muitas convicções e defende-as com força. Ela tem também uma abordagem bastante radical em relação à realização. A sua contribuição é o que fez o filme aquilo que é hoje. Eu estava muito agarrada a esta ideia do trio – o orientador, a juíza e o delinquente – mas inicialmente imaginei uma história mais romântica, mais ficcional, mais fragmentada. Na minha mente, o filme seguia também o rapaz nos seus crimes e nas suas infracções. Ela convenceu-me a deixá-los de fora e restringir a narrativa ao processo educativo, mantendo o máximo possível dentro das várias instituições que um delinquente encontra ao longo do seu percurso. A acção decorre maioritariamente em escritórios, dentro de espaços fechados. Foi assim que o filme encontrou uma direcção e que tem como resultado aquilo que é hoje. Claro que isto levantou outras questões, relacionadas com a dramatização e outros desafios porque, ao mesmo que não queríamos aborrecer os espectadores, era importante transmitir a tensão destes encontros face-a-face, estas audiências. Isso tornou tudo mais entusiasmante.

Como é que encontrou Rod Paradot, que interpreta o jovem delinquente, Malony?

Foi a Elsa Pharaon, uma conhecida directora de casting, que o encontrou em Stains, numa escola vocacional onde ele estava a estudar carpintaria.





Mas encontrou-o após muita procura. Muitas pessoas trabalharam com jovens. Eu e a Marcia decidimos deliberadamente não estigmatizar a personagem do delinquente e ir contra todos os *clichés* habituais. Não queria que o rapaz fosse demasiado estereotipado, nem drogado ou traficante ou de uma família imigrante. Ou que pertencesse a um gang. Também queríamos que a história se passasse numa cidade da província em vez de se passar num subúrbio. Vi todos os testes de câmara que a Elsa fez, mas no final encontrei-me com poucos rapazes porque apenas um número pequeno encaixava naquilo que eu procurava. Encontrámos outra dificuldade: o filme segue uma personagem dos 13 aos 17 anos, e eu não queria trocar o actor a meio do processo. Por isso, tínhamos que encontrar alguém que pudesse ser credível com 13 e com 17 anos. O Rod, embora tivesse 18 anos durante a rodagem, tinha essa qualidade. Ele tem uma cara pura, quase como na infância. Ele tinha também um sotaque comum que eu achava essencial.

Como é que surgiu o desejo de chamar o Benoît Magimel para o papel de orientador?

Sempre gostei muito dele como actor. Vi-o pela primeira vez em *A Vida é um Longo Rio Tranquilo*, onde achei que ele estava fantástico, e nunca o perdi de vista. É verdadeiramente um dos meus actores franceses favoritos. É simplesmente um grande actor. Ele tem aquilo que poucos actores franceses têm: a forma de usar o corpo, um lado muito físico. Tenho muito afecto por ele como homem, e aprecio a sua forma de vestir, a sua virilidade, e a intensidade das suas emoções. Então filmei-o afectuosamente. Tenho que dizê-lo, um dos prazeres enquanto realizadora é também filmar caras e corpos, e ele inspirou-me muito. Pensei nele

muito cedo, mas depois voltei atrás porque pensei que seria melhor um estranho. Então, entrevistei uma série de gente, mesmo actores conhecidos. Mas ele ficou na minha mente, e uma vez que já tinha escolhido o Rod, pedi-lhe simplesmente que fizesse testes de câmara com ele. O Benoît aceitou. Assim que vi os testes, parei de procurar. Ele era o tal! Fiquei muito contente por filmar com ele. Ele é realmente um homem fantástico e um actor maravilhoso. No fundo, ele é muito sentimental, e isso é lindo num homem.

Quando é que surgiu a ideia de ter a Sara Forestier a interpretar a mãe de Malony?

Desde o início. Já tinha a Sara em mente quando estava a escrever. Não sei porquê – algumas coisas não se conseguem explicar! Talvez porque sentia que ela podia interpretar esta personagem, que ela podia levá-la mais longe. E depois, quando o argumento estava terminado, decidi escolher uma desconhecida! Então a Antoinette Boulat e eu fizemos uma longa lista de desconhecidas, mas também algumas actrizes conhecidas. Cheguei a um ponto em que, tal como com o Benoît, percebi que tinha que me encontrar com ela, e não a conhecia. Pedi-lhe para fazer testes de câmara com o Rod, pelo menos para ver se a dinâmica mãe-filho funcionava. Quando vi os testes, fiquei resolvida! Ainda mais porque sentimos que ela queria realmente o papel. Havia algo muito visceral no seu desejo, o que é muito estimulante para um realizador. A Sara tem aquela capacidade de entregar-se totalmente à personagem. Ela gosta de ser guiada, ouve o realizador com atenção, mas ao mesmo tempo dá muito de si própria. Ela adora explorar e tentar ir mais longe. Os takes eram sempre diferentes, ficávamos sempre surpreendidos, e isso é uma alegria.

A personagem não é fácil de todo, porque esta mãe jovem, irresponsável, suscita rejeição.

No entanto, é óbvio que esta mulher também sofreu, que não foi educada de uma forma decente, que não tem as ferramentas para educar as suas crianças, e que tem que suportar a sua própria infância, já que teve uma criança tão nova. Não posso dizer que lhe perdoe – na verdade sim, perdoe! Espero que o público possa vê-la através do olhar de Malony: com ternura infinita, porque apesar da relação deles ser disfuncional, ela adora-o!

Apesar de existirem menos actores não profissionais do que em Ela está de partida, colocou-os também em papéis mais pequenos.

Sim, porque adoro fazer isso. Acho isso muito entusiasmante! Para além disso, serve para confrontar os actores com algo inesperado, arriscado e entusiasmante. A maior parte dos orientadores no filme são mesmo orientadores na realidade. E eu retiro um grande prazer dos papéis menores, em dar-lhes vida em pequenos takes. Estou fascinada com toda a gente no filme.

A sua carreira foi lançada no Festival de Cannes: mostrou lá a sua primeira curta-metragem, Les Vacances, em 1997, que ganhou o Prémio do Júri. O que é que significa abrir o Festival de Cannes com este filme?

Sem Cannes, acho que a minha carreira teria sido mais difícil. Fico muito – não sei que palavra usar – comovida com o facto de um filme como este, que dá voz a estes homens e mulheres que vivem na sombra, possa abrir o festival, que possa ser mostrado num evento tão prestigiado. É uma grande honra, de facto.



Crítica



“Neste papel, Catherine Deneuve, que interpreta o filme anterior de Bercot, Ela está de partida, impressiona de imediato.”

Télérama

“Uma interpretação eléctrica do estreante Rod Paradot.”

The Hollywood Reporter

“A primeira grande descoberta de 2015 é Rod Paradot em De cabeça erguida.”

Indiewire

“A performance de [Rod] Paradot é tão visceralmente intensa que não há forma de escapar à sua força.”

The New York Times

“Bercot oferece a Deneuve um papel que lhe assenta como uma luva”

João Lopes, Diário de Notícias



“De Cabeça Erguida é ao mesmo tempo um abanão e um arrebatamento.”

Paris Match



“O que impressiona, acima de tudo, é a justeza perfeita da mise en scène. E a sua delicadeza.”

Positif

Elenco

<i>A juíza</i>	CATHERINE DENEUVE
<i>Malony</i>	ROD PARADOT
<i>Yann</i>	BENOÎT MAGIMEL
<i>A mãe</i>	SARA FORESTIER
<i>Tess</i>	DIANE ROUXEL
<i>Claudine</i>	ELIZABETH MAZEV
<i>A directora do CEF</i>	ANNE SUAREZ
<i>Professor Robin</i>	CHRISTOPHE MEYNET
<i>Procuradora</i>	MARTIN LOIZILLON
<i>Funcionária</i>	LUCIE PARCHEMAL
<i>Gladys Vazier</i>	CATHERINE SALÉE
<i>Malony com 6 anos</i>	ENZO TROUILLET
<i>Ludo</i>	LUDOVIC BERTHILLOT
<i>O avô</i>	MICHEL MASIERO
<i>A directora da escola</i>	MARIE PIEMONTESE

Equipa

Realização	Emmanuelle Bercot
Argumento	Emmanuelle Bercot e Marcia Romano
Fotografia	Guillaume Schiffman Afc
Montagem	Julien Leloup
Som	Pierre André
Montagem de som	Séverin Favriau
Mistura de som	Stéphane Thiébaud
Cenários	Éric Barboza
Guarda-roupa	Pascaline Chavanne
1º Assistente de realização	Léonard Vindry
Anotação	Isabel Ribis
Casting	Antoinette Boulat Arda Elsa Pharaon Arda Karen Hottois Arda Raphaëlle Beck
Direcção de produção	Hervé Duhamel
Supervisão	Supervisão Karine Petite
Produção	Produção Les Films Du Kiosque
Produtores	Produtores François Kraus Denis Pineau-Valencienne
Em co-produção com	France 2 Cinéma, Wild Bunch Rhône-Alpes Cinéma, Pictanovo
Com a participação de	Canal + France Télévisions Ciné +
Em associação com	Soficinéma 10 Manon 5 Palatine Étoile 11 Sofitvciné 2
Com o apoio de	CNC Région Rhône-Alpes Région Nord-Pas de Calais Palatine Étoile 11 Développement Manon Production 4 Procirep L'angoa

